

Pioneiros fincam raízes

Eles foram os primeiros a chegar e enfrentaram poeira e falta de infra-estrutura

Eles chegaram na frente. Estão entre os primeiros a habitar ou trabalhar nas quadras 109 e 110 Sul e não escondem a admiração pelo lugar onde vivem há mais de 30 anos. Lá, casaram ou criaram os filhos. Tiveram netos e fincaram raízes.

Vivem felizes em um dos pontos mais famosos e agitados da cidade, sem se incomodar com a movimentação que costuma tomar conta do local nas noites do final de semana ou nos dias de folia e protesto. São os pioneiros, que enfrentaram poeira, falta de infra-estrutura, mas não desistiram e permanecem por ali até hoje.

Primeira moradora

Alvear Guimarães Lima é uma senhora simpática e comunicativa de 78 anos, que vive na 109 Sul desde 1963. Ela foi a primeira moradora do bloco A, um dos primeiros a serem construídos, e permanece até hoje no confortável apartamento de quatro quartos do sexto andar.

O apartamento, um dos poucos vendidos diretamente pelo extinto IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários), responsável pela construção e comercialização dos edifícios, foi adquirido com financiamento da Caixa Econômica Federal. Junto com o marido, o ex-procurador geral da Justiça José Júlio Guimarães Lima, já falecido, mudou para a quadra, quando a poeira ainda dominava o lugar.

"A gente morava na 108 Sul, que era uma quadra boa, já estruturada, mas a mudança não me incomodou. Tem aqui o Clube de Vizinhança e a quadra é muito bem localizada e familiar", conta ela, satisfeita.

Dona Alvear é uma moradora privilegiada. Apesar de viver no prédio que margeia a comercial, ela diz que nunca se incomodou com a movimentação. Seu apartamento é virado para dentro da 109 Sul e tem vista para a grande área verde no centro da quadra.

Comercial

De pai para filho, a Casa do Eletricista vem mantendo sua trajetória na 110 Sul há quase 32 anos, que serão completados em outubro próximo. Criada por Alfredo Paulo Frenkle, a loja é dirigida por seu filho, Fernando Frenkle, e mantém ainda hoje muitos fregueses do início, em 1967. Ao longo desses anos, vem oferecendo uma grande diversi-



dade de produtos de iluminação em geral. São lustres, reatores, lâmpadas, fios e luminárias que, a exemplo do que ocorre com as demais lojas da Rua das Elétricas, são procuradas por moradores de todo o Distrito Federal e Entorno.

Atualmente, os clientes que gastam acima de R\$ 50, segundo o gerente, Paulo Roberto, rece-

bem um cupom com o qual correm a três carros. A Casa do Eletricista fica na comercial da 110 Sul, Bloco A, loja 35.

De sua banca, o chaveiro Jozef Henryk Skowronski acompanhou a evolução da entrequadra 109/110 Sul e de seu comércio. Quando chegou, em 1970, para trabalhar no local, havia poucas lojas em apenas dois blo-

cos (A e B), mas já se notava a vocação da quadra para o setor elétrico. "Já teve papelarias, rádio, um monte de lojas. Só o Beirute permaneceu ali", conta o chaveiro, descendente de poloneses.

Jozef tem mais tempo na quadra (quase 29 anos) do que de casado. Sua mulher, Zofia Skowronski, o acompanha nes-

tes 27 anos de casados no trabalho na banca. "Já mudamos muito de lugar nessa comercial, mas agora a gente está fixado aqui. Temos tudo legalizado e boa freguesia", conta a mulher, que criou seus quatro filhos atendendo a freguesia da entrequadra.

NELZA CRISTINA

Repórter do Jornal de Brasília

Morador viu as árvores crescerem

Quando chegou para morar no bloco D da 110 Sul, há 32 anos, Antônio Batista Neto, um ágil senhor de 86 anos, não tinha nem uma sombra para se proteger do sol forte do cerrado. O prédio, um dos primeiros a serem construídos na quadra, não tinha sequer jardim e as árvores tinham sido plantadas recentemente.

Ele não se importou. Tinha vindo de Itajuba, Minas Gerais, para morar e trabalhar em Brasília, acompanhando um filho que havia sido transferido para a cidade. Aos poucos, veio toda a família — mulher e dez filhos. O apartamento na 110 Sul foi cedido a uma de suas filhas, funcionária do Ministério da Educação e Cultura, que, mais tarde, acabou comprando o imóvel.

"Eu vi a quadra crescer. Tive que esperar muito para ganhar uma sombrinha", conta o senhor de cabelos brancos. Na época em que se mudou para a quadra, havia apenas mais um bloco construído e algumas árvores nativas que acabaram morrendo.

Cuidados

Hoje, Antônio, satisfeito com o ambiente onde vive, com muita árvore e ar fresco, ocupa seu tempo cuidando da esposa, que está adoentada, e protegendo as árvores, que esperou tanto tempo para ver desenvolvidas. "Outro dia, quiseram arrancar esta árvore aqui, mas eu não deixei, disse que ia chamar o Ibama e eles pararam", conta seu Antônio, mostrando as marcas do machado no tronco da frondosa árvore na ponta do prédio.

No jardim da frente, ele dedica atenção especial a uma frágil árvore, que diz ser conhecida como jacaré, em função de seu tronco cascudo, semelhante à pele do animal. Com cuidado, ele poda os galhos e puxa o tronco para a árvore não envergar. "Brasília não tem essa qualidade de madeira. Essa aqui deve ter sido um passarinho que trouxe a semente", avalia.

A afinidade com a natureza é facilmente explicada pelo simpático senhor: "Fui criado na roça. Comecei a trabalhar com meu pai quando tinha oito anos. Eu conheço bem as plantas".(N.C.)

Amanhã, o último capítulo: A segurança e a vizinhança na 109/110 Sul